

**SOBREVIVENDO NA ERA DE TRUJILLO: HYPATÍA BELICIA
CABRAL E A REPRESENTAÇÃO DA DITADURA MILITAR NA
REPÚBLICA DOMINICANA EM A *FANTÁSTICA VIDA BREVE DE
OSCAR WAO*, DE JUNOT DÍAS**

Ivens Matozo Silva¹

Eduardo Marks de Marques²

RESUMO: Durante o século XX, a América Latina foi marcada pela forte presença de regimes ditatoriais. Nos dias atuais, evidencia-se um crescente número de produções literárias que se detêm a apresentar um resgate desses períodos de forte opressão e violência, através de versões alternativas que viabilizam tanto um maior conhecimento das ditaduras militares quanto o impedimento que tais fatos sejam esquecidos. Como exemplo ilustrativo dessa questão, destaque é dado ao romance *A fantástica vida breve de Oscar Wao* (2009), do escritor dominicano Junot Días, por retratar o obscuro passado da República Dominicana sob o domínio do ditador Rafael Leónidas Trujillo. A partir das considerações traçadas, o presente artigo possui como objetivos demonstrar como a ditadura militar dominicana é retratada no romance e apontar o modo como os eventos históricos estão inseridos na sua tessitura narrativa. A leitura do romance é feita com base nos estudos de Benjamin (1987), Hutcheon (1991) e Genette (2009).

Palavras-Chave: Literatura; História; *A fantástica vida breve de Oscar Wao*.

**SURVIVING IN THE TRUJILLO ERA: HYPATÍA BELICIA CABRAL AND THE
REPRESENTATION OF THE MILITARY DICTATORSHIP IN THE DOMINICAN
REPUBLIC IN JUNOT DÍAS' *THE BRIEF WONDROUS LIFE OF OSCAR WAO***

ABSTRACT: Throughout the Twentieth Century, Latin America was marked by the presence of long-term military governments. Nowadays, one can perceive a growing output of publications expressing concern over the rescue of those oppressed and violent periods through alternative versions that enable not only more knowledge but also a way of preventing that such facts remain forgotten. As an illustrative instance of this issue, the novel *The brief wondrous life of Oscar Wao* (2009), written by the Dominican American writer Junot Días, stands out in the literary scenario by depicting the

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras - área de concentração: Literatura Comparada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e graduando em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela mesma instituição. Bolsista CAPES. Brasil. ivens_matozo@hotmail.com

²Professor Adjunto de Literaturas de Língua Inglesa no Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Pós-Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Brasil. eduardo.marks@mandic.com.br

frightening past of The Dominican Republic under the control of Rafael Leónidas Trujillo's dictatorship. Taking into account the considerations highlighted, the present paper attempts to demonstrate how Dominican military dictatorship is described in the narrative and point out how historical events are inserted within the novel. To do so, we based our analysis upon the studies developed by Benjamin (1987), Hutcheon (1991) and Genette (2009).

Key-words: Literature; History; *The brief wondrous life of Oscar Wao*.

INTRODUÇÃO

O século XX na América Latina foi um período marcado historicamente pela sombria presença das ditaduras militares. Torturas, perseguições políticas e a suspensão de direitos constitucionais foram algumas das estratégias usadas com o propósito de silenciar a voz daqueles que se recusavam a se submeter às árduas regras de conduta durante a implantação desses regimes repressivos.

Entre os países que enfrentaram esses problemas, encontra-se a República Dominicana. Reconhecido por suas belezas naturais e pela presença de um povo hospitaleiro e caloroso, o país esteve, por mais de trinta anos – entre 1930 e 1961 – sob o forte domínio do ditador Rafael Leónidas Trujillo Molina. Consoante Correia (2013), ao comparar a maioria dos períodos ditatoriais vivenciados pelos latino-americanos, ele conclui que o regime instaurado por Trujillo destaca-se como sendo um dos mais sangrentos e desumanos. Nas palavras do autor, “no período em que esse ditador mandou e desmandou na vida do povo dominicano foram assassinadas cerca de 50 mil pessoas. A era de Trujillo se constituiu num rastro de intrigas e extrema violência” (p. 1).

Passados mais de cinquenta anos do fim da instalação do regime, lembrar o obscuro passado da República Dominicana tem sido o foco de várias produções literárias que traduzem, via discurso ficcional, as vicissitudes que vigoraram naquele contexto. Nesse sentido, se por um lado Walter Benjamin (1994), em seu reconhecido ensaio sobre o narrador, previa o fim da troca ou da transmissão de experiências como consequência direta da presença de contextos violentos, como foram as guerras e os regimes totalitários, chegando até mesmo a afirmar que “as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (p. 200); por outro, conforme pontua Beatriz Sarlo (2007), nem mesmo a forte opressão e a brutalidade ditatorial se apresentaram como obstáculos para a restauração e elaboração de narrativas que dramatizassem a experiência sofrida. Segundo a autora, “lembrar foi uma atividade de restauração dos laços sociais e comunitários perdidos no exílio ou destruídos pela violência de Estado” (p. 45).

Nesse caminho, o fazer literário, ao voltar sua atenção ao resgate de eventos limites, tais como as ditaduras militares na América Latina, tende a modificar e ampliar seus horizontes, atuando como um valioso mecanismo que viabilizaria um maior conhecimento e o afloramento de reflexões críticas por parte do público leitor, bem como uma importante ferramenta utilizada pelos escritores para que possamos (re)visitar os eventos pretéritos e impedir que estes sejam esquecidos.

Como exemplo ilustrativo dessa questão, o romance *A fantástica vida breve de Oscar Wao* (2009), do escritor dominicano-americano Junot Díaz, é representativo de uma literatura que discute a dura realidade da ditadura imposta por Trujillo em solo dominicano e que denuncia os sacrifícios impostos àquela população. Além disso, a narrativa destaca-se por trazer à luz discussões acerca das fronteiras metafóricas estabelecidas entre a ficção/realidade e entre a literatura/história.

Em face do exposto, o presente artigo possui como objetivos demonstrar como o período ditatorial da República Dominicana é retratado na obra do escritor e apontar o modo como os fatos históricos estão inseridos em sua tessitura narrativa.

Junot Díaz, escritor e professor de redação criativa do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), iniciou sua carreira com a publicação da coletânea de contos *Afogados*, de 1996, seguido, anos mais tarde, pelo romance *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, em 2007. Com esta obra, Díaz foi agraciado com os prêmios John Sargent, National Book Critics Award, Salon Book Award e o Literary Peace, todos no ano de 2007. Além disso, essa narrativa lhe rendeu o aclamado Prêmio Pulitzer de ficção, no ano de 2008. Recentemente, publicou outra coletânea de contos, *This is how you lose her* (2012), a qual obteve, assim como seus trabalhos anteriores, recepção positiva do público e da crítica literária.

A fantástica vida breve de Oscar Wao apresenta-se dividido em três partes e cada uma delas, com exceção da última seção, apresenta fatos ocorridos em diferentes recortes temporais. O enredo centra-se na desastrosa trajetória de vida da personagem Oscar Wao, um indivíduo obeso, fiel representante do estereótipo “nerd”, obcecado pelo desejo de perder a virgindade e encontrar seu grande amor. O livro é construído e narrado pelo seu amigo Yunió, professor de produção textual e escrita criativa. Uma característica ímpar da diegese é a apresentação de uma rica reprodução de intertextos, os quais nos remetem ao mundo da ficção científica, das histórias em quadrinhos e dos jogos RPG.

No entanto, entre o tom cômico e o uso da linguagem coloquial utilizada pelo narrador, perpassa o conteúdo sombrio da história dominicana dramatizada desde as primeiras linhas de abertura do texto. Ao dar voz a outros personagens, o narrador mescla suas trajetórias de vida pessoais com a apresentação de importantes fatos históricos ocorridos em solo dominicano. Tais fatos são postos em evidência quando Yunior narra, através da perspectiva da personagem Hypatía Belicia Cabral, a mãe de Oscar Wao, os perigos e as angústias da população durante o período ditatorial.

Nesse sentido, selecionamos para análise a terceira subseção da primeira parte do romance, intitulada “As três decepções de Belicia Cabral 1955–1962”, pelo fato desta personagem ter sua evolução na diegese vinculada aos principais episódios ocorridos na Era de Trujillo, bem como uma das partes onde mais se evidenciam a relação estabelecida entre a literatura e a história.

A descrição de um ambiente hostil e a forte carga negativa do passado marcam as páginas de abertura da seção destinada à Beli. Apresentando-se toda em *flashbacks*, a narrativa inicia com breves descrições sobre a infância da personagem, na cidade de Baní, como também na relação conflituosa que ela estabelece, durante a infância e a adolescência, com sua “dublê de mãe e tia” La Inca.

A partir de então, passamos a ter informações que os pais de Beli foram assassinados a mando de Trujillo e que os constantes momentos de inquietação e questionamentos expressos pela personagem a respeito da sua vida “sufocante” e sem perspectiva na cidade são equiparados, pela voz narrativa, com o sentimento de aprisionamento e busca por mudanças sociais e políticas que começaram a aflorar entre os jovens dominicanos:

[...] sofria da mesma sensação de sufocamento que asfixiava toda uma geração de jovens dominicanos. Vinte e tantos anos do trujillato tinham garantido isso. A geração de Beli era a que iniciara a revolução [...] Era a geração que se tornaria conscientemente em uma sociedade sem a menor consciência. Era a geração que, apesar de ouvir o tempo todo que a mudança era impossível, *ansiou* pela transformação (DÍAS, 2009, p. 87).

Considerada a “última esperança da família dizimada” (DÍAS, 2009, p. 87), Beli é matriculada na reconhecida escola aristocrática El Redentor. Ao associarmos os fatos narrados durante a permanência da personagem neste local, percebemos que o designante utilizado para dar nome à instituição é carregado de significados mais profundos.

Na escola, ela passa pelas mais variadas situações. Beli aprende a se defender da exclusão que sofre dos demais colegas, tornando-se uma estudante com uma personalidade forte que coagia os demais alunos. Além disso, fazendo uso da “metamorfose” ocorrida em seu corpo durante a puberdade, acaba se apaixonando pelo jovem Jack Pujols, conhecido como o “Apolo da escola”. O que tornam esses eventos ainda mais interessantes é o modo como o narrador Yunion mescla a trajetória ou as peculiaridades da vida de Beli Cabral com a descrição de importantes fatos históricos.

Nessa linha de raciocínio, o adjetivo “redentor”, que dá nome à escola, liberta não somente a personagem da sua inocência infantil, como também abre espaço para que a narrativa constitua-se como um lugar da representação simbólica do passado dominicano, apresentado através das diversas notas de rodapé encontrados ao longo do romance.

Dentre as trinta e três encontradas na narrativa, quinze estão presentes na seção destinada à personagem Beli. Sabemos, por exemplo, que sua personalidade forte é comparada à reputação das irmãs Mirabal, as quais, pelas informações dadas, “se opuseram ao Ladrão de Gado Frustrado³ e foram assassinadas por esse motivo” (DÍAS, 2009, p. 89). O mesmo ocorre com a personagem secundária Jack Pujols, que acaba servindo de pretexto para a inserção de informações a respeito do militar Joaquim Balaguer, conhecido por ser “um dos cavaleiros negros mais eficientes de El Jefe” (DÍAS, 2009, p. 96).

Para compreender a estratégia usada pelo narrador para a construção do romance, é possível recorrermos às reflexões de Gérard Genette. Em sua obra *Paratextos Editoriais* (2009), ao distinguir cinco relações transtextuais, o crítico literário francês concentra-se na categoria que denominou de paratextualidade. Tal conceito abarcaria uma análise do texto em relação à sua estrutura ou organização textual, os quais viriam a enriquecer a obra literária, apresentando, deste modo, um caráter fortemente influenciador na interpretação do leitor.

Como mencionado por Genette, as características constitutivas do paratexto compreenderiam:

Título, subtítulos, intertítulos; prefácios, preâmbulos, apresentação, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes [...] que propiciam ao texto um encontro (variável) e às vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor mais purista e o menos inclinado à erudição externa nem sempre pode dispor tão facilmente quanto ele gostaria e pretende (GENETTE, 2009, p. 10).

³ Ao longo do romance, Trujillo passa a ser denominado de diferentes formas. Entre elas, citam-se “El Jefe”, “Ladrão de Gado Frustrado” e “Escroto”.

Ao propiciar uma “melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente” (GENETTE, 2009, p. 10), Yunior acaba se apropriando tanto da perspectiva de Beli Cabral quanto do discurso histórico do seu país como um meio para expressar a sua opinião, como cidadão dominicano, sobre os crimes praticados durante a Era de Trujillo. Nesse caminho, ele faz menção e apresenta breves explicações a respeito dos vários cidadãos que “desapareceram” ou foram duramente torturados e assassinados durante o regime militar, como por exemplo, Jesús de Galíndez, que realizou uma tese de doutorado criticando a ditadura dominicana e acabou sendo morto num “caldeirão de *água fervendo*” (DÍAS, 2009, p. 103) e o professor Rafael Yépez, que foi assassinado junto com sua esposa e filha por fazer seus alunos pensarem criticamente sobre a condição política do país.

Não apenas as vítimas, mas também os torturadores são apresentados nas notas históricas. É o caso das informações descritas sobre o militar Johnny Abbes García, o qual aparece nas páginas que introduzem o amigo de trabalho de Beli, Juan Marichal. Em um contexto em que “o caos reinava na nação” e que os “jovens estavam sendo presos, torturados e exterminados” (DÍAS, 2009, p. 118), García é descrito da seguinte forma:

Chefe da temida e toda-poderosa polícia secreta (SIM), foi considerado o maior torturador do Povo Dominicano que já existiu. Apreciador de técnicas de tortura chinesa, segundo se comenta, contava em seus quadros com um anão que triturava os testículos dos prisioneiros com os dentes. Tramava o tempo todo contra os inimigos de Trujillo, tendo tirado a vida de muitos jovens revolucionários e estudantes (inclusive das irmãs Mirabal) (DÍAS, 2009, p. 117).

O realismo cruel e a forma desumana como o narrador Yunior descreve a maneira com que os prisioneiros do regime eram torturados e o desaparecimento de cidadãos que lutavam pelos seus direitos, retratados através de uma obra literária, abre horizontes para reflexões acerca dos limites estabelecidos entre a literatura e a história.

Em 1940, o filósofo alemão Walter Benjamin publica suas dezoito teses “Sobre o conceito da história” e instiga o seu leitor a refletir sobre o seguinte questionamento: “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” (BENJAMIN, 1986, p. 223). A partir dessa reflexão inicial, ele nos apresenta o seu “materialista histórico”, o qual possui a missão de “escovar a história a contra pelo”, em outras palavras, lutar para salvar os oprimidos do esquecimento, indo contra a concepção da história como sendo linear e

positivista, uma vez que, de acordo com Benjamin, esse tipo de historicismo ocultava a luta de classes e apresentaria a versão dos vencedores.

Nesse contexto, resgatar os “ecos” ou juntar os fragmentos do passado, que “o anjo da história” observa com tanta perplexidade, seria aceitar os fatos pretéritos como um campo aberto de possibilidades, resgatando-os no presente através da sua reescrita, caracterizando, deste modo, o que Jeanne Marie Gagnebin (1986) denominou de “história aberta”, com o intuito de abordar a reflexão histórica elaborada por Benjamin.

É a partir dessas reflexões críticas a respeito dos eventos pretéritos que encontramos, na pós-modernidade, período em que se instaura, entre tantas outras características, a presença do efêmero, ou seja, de verdades provisórias e frágeis, o conceito de metaficção historiográfica elaborado por Linda Hutcheon. Se Benjamin nos convidava a “escovar a história a contra pelo”, o termo pós-moderno de Hutcheon vai muito além, nos propondo a “depilá-la” e, com isso, (re) interpretar o passado com ampla liberdade.

Indo completamente contra a concepção aristotélica e as premissas de cientificidade do pensamento Iluminista do século XVIII, o termo de Hutcheon parte do pressuposto de que a história e a literatura não devem ser entendidas como duas realidades distintas, mas aliadas, visto que ambas partem da verossimilhança, são constructos linguísticos e igualmente intertextuais, ou seja, desenvolvem outros textos em sua tessitura narrativa.

Nas palavras da pesquisadora canadense:

[...] a metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, constructos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm a sua verdade (HUTCHEON, 1991, p. 127).

Assim como o conceito de história de Walter Benjamin, a metaficção historiográfica parte do pressuposto de que “só existem verdades no plural, e jamais uma só Verdade” (HUTCHEON, 1991, p. 147). Essa preocupação em destacar o caráter plural dos fatos passados coloca em evidência a consciência de que a história vinha sendo contada “de cima”, sob a influência dos interesses dos historiadores, como bem analisam em seus estudos Peter Burke (1992) e Michael Pollak (1989). Deste modo, a nova modalidade narrativa de Hutcheon busca apresentar como protagonistas, personagens que não tiveram voz no discurso oficial da história. Assim, notamos a presença de personagens denominados pela pesquisadora

como ex-cêntricos, ou seja, “os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional” (HUTCHEON, 1991, p. 150).

Ao associarmos as reflexões acima ao conteúdo expresso em *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, é possível depreender que ao dar voz à Beli Cabral, uma personagem duplamente marginalizada, ex-cêntrica, e apontar as figuras periféricas e não periféricas do legado histórico dominicano, o narrador Yunior, ao apresentar suas notas de rodapé, problematiza a figura do historiador tradicional e assume, assim, a função do “materialista histórico” benjaminiano.

Enquanto o historiador oficial possui o papel de organizar e discorrer sobre fatos históricos de forma clara e objetiva, assim como negar a presença de um ponto de vista ideológico e apresentar-se através de um narrador que se dilui diante dos fatos; o narrador do romance de Junot Días é completamente o oposto. Em outras palavras, ao se debruçar sobre o passado dominicano, Yunior cria uma narrativa em que se reverbera um forte discurso subjetivo e emotivo, o qual questiona os limites da narrativa e os limites da historiografia. Ao apresentar um discurso histórico construído através de especulações e a presença de um narrador heterodiegético se mostrando ativo na narrativa, Yunior reflete sobre o processo de escrita do seu romance e, não menos importante, sobre as fontes utilizadas para a elaboração da sua produção literária.

Ao aproximar-se do fim da seção, Beli se apaixona pelo gângster Dionísio. Este, que remete ao deus grego de mesmo nome e que possui sua imagem vinculada ao vinho e à festa, simbolicamente embriaga Beli com irresistíveis doses de planos futuros em uma vida conjugal feliz. No entanto, tais sonhos acabam virando um completo pesadelo para a mãe de Oscar, no momento em que ela descobre estar grávida de Dionísio e que ele era casado com a irmã do ditador Trujillo, La Fea. Esta, ao descobrir a traição do marido, manda seus capangas sequestrarem Beli e eliminarem a moça e seu esperado filho.

As descrições da cena do espancamento da jovem em um distante canavial, bem como as marcas deixadas no corpo da personagem, impressionam pela crueldade e, sobretudo, pela força sobrenatural que Beli adquire para sobreviver. Nas palavras do narrador:

Como a jovem sobreviveu, nunca vou saber. Bateram nela como se fosse uma escrava. Como se fosse uma cadela. Melhor revelar a violência em si e informar somente os danos infligidos: a clavícula, despedaçada; o úmero direito, fraturado em três pontos [...] cinco costelas, quebradas; rim esquerdo, inchado; fígado, lesionado; pulmão direito; em colapso; dentes da

frente, arrancados. Uns 167 pontos de dano [...] Houve tempo para algum estupro? Creio que sim, porém jamais saberemos, pois ela nunca fez comentários a respeito disso (DÍAS, 2009, p. 152).

O fragmento acima, apesar de longo, faz-se necessário pois aponta para a decisão tomada por La Inca em embarcar Beli Cabral, após a sua milagrosa recuperação, rumo os Estados Unidos como uma estratégia de sobrevivência, fato que a situa como uma representante da primeira geração da diáspora dominicana. Além disso, o tom violento da cena acima introduzem a décima nona nota de rodapé, a qual descreve a emboscada e assassinato de Leónidas Trujillo, arquitetados pelo empresário e ativista político Antonio de La Maza.

O tom irônico e cômico utilizado por Yunion para narrar a noite em que Trujillo foi assassinado pode ser examinado no trecho a seguir, no qual perpassa uma linguagem extremamente informal e depreciativa do ditador e, sobretudo, pelo tom subjetivo do historiador/narrador da diegese:

Dizem que o Ladrão de Gado Frustrado ia atrás de um rabo de saia naquela noite. É de surpreender? [...] Talvez naquela noite, El Jefe, esparramado no banco traseiro do seu Bel Air, só pensasse na costumeira vagina que o esperava na Estancia Fundación ou talvez não pensasse em nada. Vai saber! [...] Apesar dos 27 tiros [...] e dos 400 pontos de dano, conta-se que Rafael Leónidas Trujillo Molina, mortalmente ferido, ainda deu dois passos em direção ao seu lugar de nascimento [...] De la Maza, talvez pensando no coitado do irmão morto e enganado, tirou o 38 da mão sem vida de Trujillo [e] atirou no rosto do ditador [...] E assim expirou o velho Canalha. E assim expirou a Era de Trujillo (DÍAS, 2009, p. 159).

Essa seção da narrativa finaliza apresentando a imagem de uma Beli Cabral completamente diferente daquela das páginas inaugurais da seção. Apresentando um profundo mergulho nos sentimentos mais íntimos da personagem, Yunion a descreve triste, desiludida e com seus antigos sonhos dissipados como fumaça ao vento.

[...] trazia uma expressão amarga e desconfiada que só se dissipava com imenso prazer. Seus sonhos eram dispersos, sem o ímpeto de uma missão, e sua ambição não tinha lastro. Sua maior esperança? Encontrar um homem. O que ela ainda desconhecia: o frio, o trabalho árduo e opressivo das *factorías*, a solidão da Diáspora, o fato de que nunca mais voltaria a viver em Santo Domingo, o próprio coração [...] Beli jamais voltaria a amar (DÍAS, 2009, p. 168)

Sentada num banco de ônibus que anda durante a noite pelas ruas iluminadas da cidade de New York, Beli acaba tomando consciência da sua real condição social, uma

mulher dominicana e sozinha em um país estrangeiro. Desse modo, acaba recorrendo, de forma desesperada, à antiga tradição das mulheres dominicanas – encontrar um homem que possa lhe oferecer segurança e tentar ser feliz. Assim, diante do período de trevas que assolou seu país e que quase a levou à morte, Beli encontra a luz nos Estados Unidos, simbolicamente representado como uma nova oportunidade para recomeçar, uma nova chance para sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a obra *A fantástica vida breve de Oscar Wao* e, mais especificamente, a seção intitulada “As três decepções de Belicia Cabral 1955–1962”, buscamos demonstrar como o período ditatorial da República Dominicana é retratado na obra e apontar o modo como os fatos históricos estão inseridos em sua tessitura narrativa.

Pelo estudo aqui apresentado, foi possível perceber que o romance construído e narrado pela personagem Yuniór se apresenta como uma leitura alternativa sobre o conteúdo nebuloso da história dominicana, dramatizada através da perspectiva da personagem excêntrica Hypatía Belicia Cabral. Desse modo, alternaram-se momentos de inquietações e questionamentos expressos pela personagem em relação direta aos eventos históricos decorrentes da ditadura militar dominicana.

Ao ficcionalizar os discursos históricos e tocar em feridas históricas que ainda sangram, a figura do narrador/historiador da narrativa torna-se de suma importância. Apresentando um discurso subjetivo que questiona o papel do historiador, as notas de rodapé e os comentários do narrador heterodiegético acabam aproveitando das verdades e mentiras do registro histórico para a elaboração de uma narrativa que vê a literatura e a história não como duas áreas distintas, mas aliadas contra o fantasma do esquecimento.

Nesse caminho, *A fantástica vida breve de Oscar Wao* configura-se como uma obra que vê a literatura como um lugar de representação simbólica das lembranças do regime ditatorial dominicano. Assim, como bem observa Perissé, realidade e ficção fundem-se com um objetivo em comum – tornarmo-nos mais humanos através de uma reflexão sobre do mundo que nos cerca.

A literatura vivifica em nós o sentido do essencial, do que é relevante na vida humana. Arrastando-nos para o seu mundo “irreal”, fazendo com que nele mergulhemos e, por um instante, pareça ter substituído a realidade

“real”, a literatura, paradoxalmente, revela-nos a mesma realidade que nos rodeia (2003, p. 171).

Resgatar a voz daqueles que emudeceram diante dos abusos praticados pelo uso do poder e da dominação é o foco do romance de Junot Días. Ao utilizar-se do materialista histórico benjaminiano e do conceito de metaficção historiográfica de Linda Hutcheon, percebemos que a leitura da obra possui o intuito para trazer à tona possibilidades de uma história que se quer plural e não finalizada.

Assim, pode-se inferir que o universo ficcional do romance e, mais especificamente, a seção analisada, faz-nos refletir sobre um período histórico violento enfrentado pela República Dominicana, em que fugir para sobreviver em outro país, calar-se diante da violência ou morrer lutando pelo fim dos abusos cometidos na Era de Trujillo eram as únicas alternativas possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 222-232.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CORREIA, Salatiel Soares. “A Festa do Bode”, de Vargas Llosa: mergulho nas profundezas do inferno de uma ditadura. *Jornal Opção*. [Online]. In: *Jornal Opção*. Edição 2006. Dezembro de 2013. Disponível em: < <http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/a-festa-do-bode-de-vargas-llosa-mergulho-nas-profundezas-do-inferno-de-uma-ditadura>>.

Acesso em: 23 junho 2015.

DÍAS, Junot. *A fantástica vida breve de Oscar Wao*. Tradução de Flávia Carneiro Anderson. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GAGNEBIN, Jeane Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 7- 20.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG. 2007.

PERISSÉ, Gabriel. *Filosofia, ética e literatura: uma proposta pedagógica*. São Paulo: Manole, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

Recebido em 17/06/2015.

Aceito em 25/09/2015.